

Ano 11, Vol XXI, Número 2, Jul-Dez, 2018, Pág. 325-347.

IMIGRAÇÃO HAITIANA NO OESTE DO PARANÁ E A DISPONIBILIDADE LABORAL EM FRIGORÍFICOS.

Claudimara Cassoli Bortoloto

Resumo: A imigração entre países periféricos perfaz a nova era das migrações transnacionais que assim se definem por envolver grandes fluxos migratórios e a maioria dos países. Esse estudo analisa a migração haitiana em Cascavel Oeste do Paraná Brasil e sua vinculação com a demanda de trabalhadores em frigoríficos um dos principais setores do agronegócio da região. Cascavel é a cidade com maior número de trabalhadores haitianos no Estado do Paraná. A mobilidade interna entre imigrantes haitianos no Brasil é um desdobramento da disponibilidade laboral a partir de 2010 dada a vinda de grandes fluxos. A periferia intensifica a precarização das condições de vida e não compensação da imigração frente a acentuada exploração do trabalho, elevados índices de desemprego, baixos salários, discriminação racial laboral que se colocam como obstáculos para o envio de remessas. Associado a isso, o preconceito de cor historicamente presente nas relações brasileiras não foi superado pelas transformações econômicas no Brasil. Disso decorrem relações de preconceito fortalecidas entre imigrantes haitianos, que são rechaçados pelo sistema produtivo da região. A inclusão laboral formal se restringe aos frigoríficos com incorporação de 84% desses imigrantes. O conjunto das relações de trabalho nesse setor produtivo produzem a rotatividade de trabalhadores, favorecida também pelo exército de reservas que se intensifica sobretudo em períodos de crise econômica. A submissão do trabalho em frigoríficos não é uma escolha para esses imigrantes, mas se coloca como única alternativa de inserção no sistema produtivo, quando esse também não se fecha.

Palavras chave: Imigração haitiana, frigoríficos, Cascavel

INMIGRACIÓN HAITIANA EN EL OESTE DEL PARANÁ Y LA DISPONIBILIDAD LABORAL EN FRIGORÍFICOS.

Resumen: La inmigración entre países periféricos representa la nueva era de las migraciones transnacionales que se definen por implicar grandes flujos migratorios y la mayoría de los países. Este estudio analiza la migración haitiana en Cascavel Oeste de Paraná Brasil y su vinculación con la demanda de trabajadores en frigoríficos uno de los principales sectores del agronegocio de la región. Cascavel es la ciudad con mayor número de trabajadores haitianos en el Estado de Paraná. La movilidad interna entre inmigrantes haitianos en Brasil es un desdoblamiento de la disponibilidad laboral a partir de 2010 dada la venida de grandes flujos. La periferia intensifica la precarización de las condiciones de vida y no compensación de la inmigración frente a la acentuada explotación del trabajo, altos índices de desempleo, bajos salarios, discriminación racial laboral que se plantean como obstáculos para el envío de remesas. Asociado a ello, el perjuicio racial de color históricamente presente en las relaciones brasileñas no fue superado por las transformaciones económicas en Brasil. De ello se derivan relaciones de preconceito fortalecidas entre inmigrantes haitianos, que son rechazados por el sistema produtivo de la región. La inclusión laboral formal se restringe a los frigoríficos con incorporación del 84% de esos inmigrantes. El conjunto de las relaciones de trabajo en ese sector produtivo producen la rotación de trabajadores, favorecida también por el ejército de reservas que se intensifica sobre todo en períodos de crisis económica. La sumisión del trabajo en frigoríficos no es una elección para esos inmigrantes, sino que se plantea como única alternativa de inserción en el sistema produtivo, cuando éste tampoco se cierra.

Palabras clave: Inmigración haitiana. Frigoríficos, Cascavel.

1. Introdução

A imigração remonta a própria história da humanidade e faz parte da vida de todos os indivíduos. No entanto, nos dias atuais ela assume contexto e condições diferenciadas, que a inclui na nova era das migrações que a difere das migrações de

décadas anteriores. A era das migrações é definida por Arango (2005) como um momento de maior mobilidade humana com envolvimento de países mundiais. Novas rotas migratórias são criadas devido ao crescimento dessa mobilidade, ao passo que isso tem também convertido a imigração em uma questão “política” para a maioria dos países, encarada pelos governos como um “problema social”.

Nessa perspectiva ações como fechamento de fronteiras e medidas de contenções restritivas a imigração são delineadas pelos países como “políticas necessárias” na tentativa de jogar para o imigrante a responsabilidade pela atual desordem estrutural do capital, sendo essa mais uma estratégia para ocultar as contradições do sistema.

Assim, é conveniente para o capital, atribuir para a imigração o falso discurso que associa desemprego e insegurança ao imigrante, ou do que Arango (2007) e Chacón (2007) denominaram de *Hecho social*, que atribui ao imigrante as pechas ou responsabilidades pelas contradições do sistema, ao passo que intensifica o discurso do imigrante como ameaça e sentimentos nacionalistas reforçado sobretudo depois do 11 de setembro de 2001.

No contexto da nova era migratória essa pesquisa contempla a investigação sobre a imigração haitiana no Oeste do Paraná como um desdobramento da mobilidade interna no Brasil e sua relação com frigoríficos¹, sendo esse um dos principais setores econômicos do Oeste do Paraná. Dados da Polícia Federal indicam uma população de aproximadamente 80.000 mil haitianos no Brasil (BRASIL, 2017), enquanto no Paraná, esses dados segundo a Pastoral do Imigrante ultrapassam 4.000 mil o que corresponde a 5% dessa população no país. (CARNEIRO, 2017).

O contexto de fechamento das fronteiras de países ultramarinos considerados tradicionais de imigração, como Estados Unidos da América, Canadá e Austrália, e de países Europeus, justificados por medidas como controle de fluxo dos que entram e saem obrigaram países de emigração delinear novas rotas. Esse fenômeno associado a outros fatores incluiu o Brasil como um país de destino da imigração Haitiana, cuja rota até então contemplava hegemonicamente países como Estados Unidos, Canadá e França. (SILVA, 2016).

¹ Frigoríficos de aves e suínos compreendem juntamente com a produção de grãos como soja e milho as maiores atividades econômicas do agronegócio da região, com exportação desses produtos para vários países no mundo.

Silva (2016) cita alguns motivos que fizeram do Brasil rota migratória para os haitianos como a pujança econômica que fez do país em 2010 a sexta economia mundial, associado a discursos do ex presidente Lula no Haiti sobre a capacidade acolhedora do Brasil. Esse discurso foi reforçado, conforme Villen (2016), pela ex presidente Dilma Roussef que enfatizou e ajuda humanitária, além do fechamento das fronteiras europeias e americana, a instabilidade política do Haiti. Autores como Alessi (2016), Assis e Magalhães (2016), Zeni (2014), Mamed e Lima (2016) destacam que a instabilidade do país proporcionou a relação geopolítica entre Brasil e Haiti através da operação MINUSTAH² que desde 2004 mantém tropas militares brasileiras vinculadas ao exército, marinha e Força Aérea.

Através de pesquisa qualitativa, com utilização da pesquisa de campo como instrumento e coleta de dados foram realizadas sessenta entrevistas a fim de testar a seguinte hipótese: o setor produtivo delineado pelo agronegócio especificamente os frigoríficos tem impulsionado a migração haitiana para Cascavel?

Com esse objetivo realizou-se pesquisa qualitativa com questionário semi estruturado aplicado com 60 haitianos residentes em Cascavel. A amostra da região, se deu sobretudo por ser essa a cidade com maior número de haitianos da região Oeste e do Estado do Paraná. A quantidade de entrevistas realizadas foi delimitada pelo próprio campo, tendo em vista a possibilidade de realização de entrevistas através do sistema bola de neve.

Privilegiaram-se não só dados qualitativos, mas também quantitativos, cujos números serão divulgados para a comunidade haitiana em Cascavel, a fim de potencializar a organização, para impulsionar a sensibilização da sociedade e desenvolvimento de políticas sociais voltadas para os imigrantes.

Para tanto, os resultados da pesquisa evidenciam o que é ser imigrante negro na periferia do capitalismo e em uma região supostamente colonizada por um tipo “ideal de

² Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti MINUSTAH, originária de uma estratégia do Brasil ocupar uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU, passou a liderar a operação composta por vinte países para restauração política e econômica do Haiti. (ALESSI, 2016), (ASSIS E MAGALHÃES), (ZENI, 2014), (MAMED, 2016).

imigrante” que é aquele de descendência europeia oriundo do sul do Brasil. Resultados preliminares perfazem os achados dessa pesquisa que evidenciam a acentuada precarização das condições de vida e não compensação da imigração frente a elevada exploração do trabalho, elevados índices de desemprego, baixos salários, discriminação racial e laboral que se colocam como obstáculos para o envio de remessas ou a subjetivação do imigrante que são as expectativas migratórias.

1.1. Imigração haitiana no Brasil: primeiros apontamentos.

A compreensão sobre a imigração haitiana no Brasil demanda conhecer o contexto geográfico do Haiti, cujo nome de origem *taíno e arawak*, significa terras altas, suas características geográficas levaram anteriormente a denominação *de Toyo e Quiesqueiia*. (COUTO, 2016).

Em 1492, sob o domínio dos Espanhóis fora batizado de Lá Hispaniola. Assim como no Brasil, os africanos foram trazidos para o Haiti no século XV na condição de escravos e como alternativa para substituir a mão de obra indígena. Os primeiros franceses adentraram o país nos anos 1629 com estabelecimento na ilha de Lá Tortuga, no norte do Haiti. (COUTO, 2016).

A luta entre espanhóis e franceses no século XV, levou ao amplo domínio da França sobre a região, além dos escravos, os franceses traziam os cidadãos endividados denominados de *engagés* na França e faziam do trabalho baseado no cultivo agrícola uma forma de quitarem suas dívidas. Em 1695 a parte ocidental do Haiti foi desmembrada através do tratado de Ryswick, o que dividiu a ilha em duas partes República Dominicana e Haiti. No início do século XVII, especificamente em 1804, o Haiti tornou-se a primeira república negra independente da América. (COUTO, 2016).

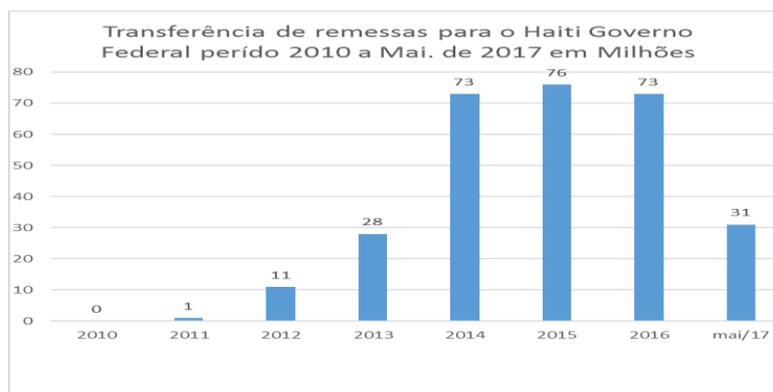
A língua francesa não conseguiu impor sua hegemonia como língua oficial, a diversidade étnica de diferentes povos africanos, espanhóis e franceses levou a composição do Creole, que emergiu como língua nacional sobrepondo-se ao francês, sendo o bilinguismo uma de sua característica e parte da identidade haitiana, com reconhecimento do Creole como língua oficial em 1961.

É consenso entre os autores como (FARIA, 2016; MARTINS, 2014; SILVA, 2016; ASSIS E MAGALHÃES, 2016; OLIVEIRA E SILVA, 2016) que o ano de 2010 foi o marco da imigração haitiana no Brasil, impulsionada sobretudo pelos efeitos ou consequências do terremoto que abalou as estruturas físicas do país naquele ano. Suas

dimensões foram incalculáveis, e atingiram especialmente a região sudoeste do Haiti, que possui maior densidade demográfica, além de instituições públicas como Universidades, repartições e serviços públicos.

O levantamento de dados relacionados ao envio de remessas junto ao Banco Central do Brasil (BRASIL, 2017) corroboram com os autores que inferem 2010 como o marco de início das migrações de haitianos no Brasil quando as remessas para o Haiti são enviadas a partir de 2011.

Gráfico 1 - Transferência de remessas para o Haiti Governo Federal período 2010 a Mai. de 2017 em Milhões de reais - Brasil (2017).



Fonte: Banco Central do Brasil – envio de remessas em milhões Brasil – Haiti 2011-2017.

Handerson (2015) trata o envio de remessas como parte da cultura do Haiti, que é um país que tradicionalmente envia os mais jovens ou projetam sobre eles a diáspora haitiana.

Diáspora e envio de remessas são elementos da cultura do Haiti, que faz dos diversos recursos culturais qualidades adquiridas por meio da mobilidade em diferentes espaços de pertencimento da pessoa da diáspora, “ (...) no universo haitiano, constitui um modo de ser, de vestir, de pensar e agir, constituindo uma linguagem própria e estilo de vida”. (HANDERSON, 2015,p. 66). Todo diáspora tem o compromisso de em outro país promover novas diásporas através do envio de remessas, sendo essa uma importante fonte econômica do país, com cifras de 40% do Produto Interno Bruto.

Ao analisar as políticas do Estado brasileiro frente ao fenômeno da imigração, Alessi (2013) acrescenta que são lentas as reações do governo brasileiro frente a essa nova realidade.

Os primeiros imigrantes haitianos que chegaram solicitaram o refúgio político, posteriormente em 2012 os mesmos passaram a ser considerados refugiados em decorrência de situações humanitárias. Devido ao grande fluxo, nesse ano o governo aprovou a resolução normativa nº 97 e a concessão de vistos permanentes para os haitianos por um prazo de cinco anos, diferindo-os dos demais imigrantes que possuem vistos por um período de um ano. A resolução caracteriza razões humanitárias como “aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana, em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de Janeiro de 2010”. (ALESSI, 2013, p. 83).

Todavia, o Estado brasileiro se mantém indiferente quanto a realização de políticas que tenham por objetivo a inserção e integração do imigrante na sociedade, com constatação da inoperância dessas políticas, ao passo que são limitadas a documentação.

A ausência do Estado no desenvolvimento de políticas públicas abre espaço para a intervenção de outros organismos com destaque para as organizações da sociedade civil de cunho religioso, como Pastoral do Imigrante vinculada a Igreja Católica que atua em diversos estados brasileiros no acolhimento e encaminhamento de documentação. (SILVA, 2016; COTINGUIBA E COTINGUIBA, 2016; MAGALHÃES, 2016; VILLEN, 2016).

Esses imigrantes que primeiramente chegaram ao Acre, foram mobilizados para outras regiões do país não por escolha, mas pela necessidade de superar situações de instabilidade e insegurança, muitos permaneciam provisoriamente em abrigos junto com centenas de outros haitianos, muitas vezes em condições sub-humanas, devido a precariedade dos abrigos frente a grande demanda de atendimento.

1.2. Imigração haitiana no Oeste do Paraná – *guestworker* como impulsionadora da mobilização interna.

A cidade de Cascavel e o Estado do Paraná não foram escolhidos como destinos dos primeiros imigrantes haitianos na região, a mobilidade foi delineada frente a

possibilidade de trabalho surgida no Acre através da busca de empresários da região por essa mão de obra.

A presença de empresas paranaenses no Acre empreenderam as primeiras incursões de trabalhadores haitianos, como a Fundação Assis Gurgas - FAG³, que enviou um ônibus para deslocá-los do Acre até Cascavel a fim de empregá-los na construção civil. No período essa empresa demandava mão de obra para ampliação das dependências do Centro Universitário, conforme observado no relato do imigrante haitiano Cristian que relata sua mobilidade interna do Acre para Cascavel e as relações de trabalho quando chegou trazido por essa empresa na região.

A FAG mesmo foi busca nós lá, lá no Acre, eu cheguei primeiro no Acre, não tinha nada de trabalho lá, os brasileiros não entendiam o que nós falava. Por exemplo eu não sabia falar português, ninguém entendia o que nós falava. A FAG foi busca nós em 2012, veio 46 pessoas do Acre, tudo haitiano, que estava sem trabalho e queria uma oportunidade, porque nós precisava trabalhar. Quando chegamos em Cascavel tinha uma casa grande e nós ficamos lá. Ninguém tinha trabalho em Brasileia, e ninguém queria ficar lá. Nós não sabia para onde ia. Até que Fag foi buscar haitianos lá e nós conseguiu sair de lá e vim aqui em Cascavel. (Entrevista Cristian, Depoimento gravado no dia 09 de Maio de 2017).

Brasileia é a cidade fronteiriça que serviu como uma das primeiras portas de entrada para milhares de haitianos que migraram para o Brasil a partir de 2010.

Assim como Cristian, o imigrante Taylor relata como a oportunidade de trabalho em frigorífico foi delineando a imigração dos primeiros haitianos que chegaram em Cascavel.

Taylor vive no Brasil há cinco anos, migrou em 2012, cuja entrada também se deu por Brasileia e assim que teve acesso a documentação esperava conseguir um trabalho, independente do lugar e a função que iria realizar.

Faz cinco anos que vim para Cascavel, a primeira cidade que vim foi Cafelândia, vim do Acre para Cafelândia e vim porque eu estava lá no abrigo de refugiados no Acre do Brasil. Aí tinha um grupo pessoa da Coopacol que foi lá pega 44 haitiano pra pode leva lá em Cafelândia para trabalha no frigorífico. Aí o chefe encarregado lá dos refugiados né, viu que meu português era mais

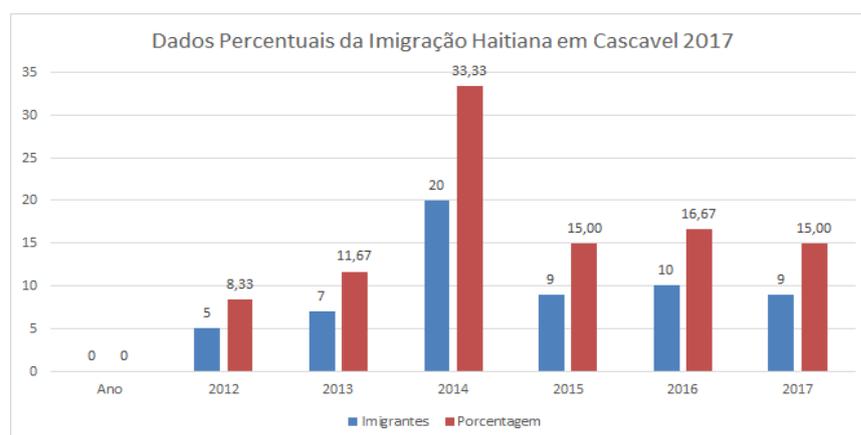
³ Essa fundação trata-se de um dos maiores complexos educacionais de ensino superior privado do Estado do Paraná, no entanto leva o nome de fundação para isentar-se do pagamento de impostos, aparada na Lei nº 9.718, de 27.11.98.

melhorado que os outros né, aí ele me mandou junto com eles para ajudar a traduzir e ajudar outros que não sabiam falar. Fiquei três meses trabalhando lá e ajudando a traduzir também. Eu peguei sai por minha causa né sabe, eu queria morar em uma cidade mais grande né, eu não queria ficar mais, depois de três meses de experiência, eu vim mora aqui em Cascavel e já comecei a trabalhar na Coopavel. (Entrevista Taylor, depoimento gravado em 09 de Maio de 2017)

A imigração de haitianos, não foi planejada pelo Estado, nem tampouco representa qualquer projeto de escolha do imigrante, a incerteza do processo migratório era muitas vezes a única certeza que tinham.

Os dados da amostra entrevistada revela constante crescimento populacional de haitianos para Cascavel, onde a primeira leva foi trazida por empresários seja da construção civil ou frigoríficos, enquanto a segunda leva se dá via reunificação familiar. As taxas de migração não foram reduzidas, e atualmente a maior parte da população continua migrando mantendo a estabilidade dos dados desde 2015, além disso, Cascavel aparece como a primeira cidade de chegada, o que indica novas rotas de entrada no país. O Gráfico indica também o ápice de imigração em 2014, correspondendo aos dados nacionais que teve nesse ano o maior pico migratório. Silva (2016).

Gráfico 2 – Índices de migração em Cascavel Paraná de 2012 a 2017.



Fonte: Claudimara Cassoli Bortoloto, pesquisa de campo com entrevistas realizadas entre abril a julho de 2017.

Corroborando com os depoimentos o *guestworker*⁴ é assumido pelo próprio empresariado, principalmente da construção civil e frigoríficos, frente a carência de mão de obra manual na região, bem como disponibilidade de trabalhadores haitianos para realizá-la no sul do Brasil, conforme noticiado pela primeira empresa a implementar o *Guestworker*, noticiado no site da própria universidade.

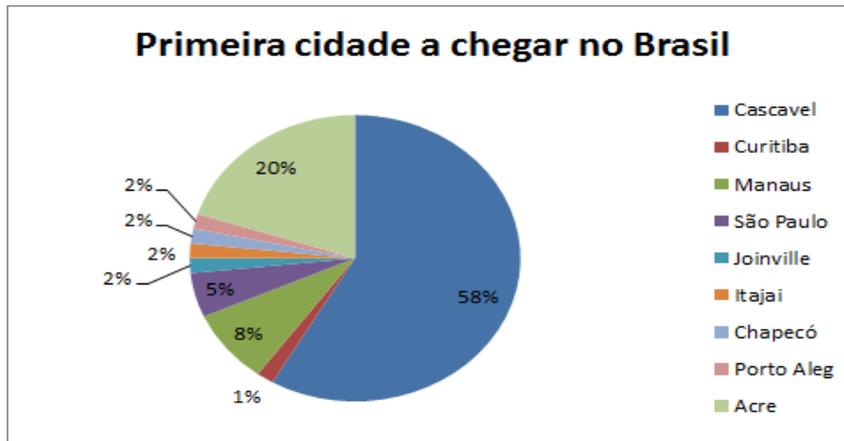
Um grupo de 44 haitianos chegou hoje de manhã à FAG. Eles passaram cerca de dois meses na cidade de Brasiléia, no Acre, e foram trazidos pela FAG para Cascavel, para trabalhar na construção civil. De acordo com o engenheiro civil da instituição, Carlos Oya, a iniciativa de contratá-los surgiu da carência de mão de obra. “Nós precisávamos de trabalhadores para as novas construções da FAG e com a visão social e humanitária do senhor Assis Gurgacz, aliamos a nossa necessidade à necessidade deles. (FAG, 2012, p.01).

Arango (2007) observou na Europa o conceito de *guestwok* como um mecanismo de chamada do setor produtivo ou convite à trabalhadores frente as demandas produtivas, que posteriormente se converteu em atração de outros imigrantes, sustentados não só pelo sistema produtivo, mas também pelas redes de apoio, como a reunificação familiar.

Os dados quantitativos sobre a primeira cidade a chegar no Brasil inferem Cascavel como uma cidade de destino, quando mencionam a rota migratória considerando o município um local de chegada e permanência, isso permite inferir o peso da integração familiar como novo delineador migratório.

⁴ *Guestworker* trata-se da disponibilidade de vagas de trabalho por empresários para imigrantes realizarem determinadas funções conforme a demanda do sistema produtivos. (ARANGO,2007).

Gráfico 3- Primeira cidade a chegar no Brasil.



Fonte: Claudimara Cassoli Bortoloto, pesquisa de campo com entrevistas realizadas entre abril a junho de 2017.

Os resultados preliminares desse estudo levaram a afirmar que o fenômeno migratório para Cascavel está estreitamente vinculado a indústria de alimentação através do processamento de carnes como aves e suínos.

Há uma década o Brasil tem se configurado como o maior produtor mundial de carne de frango, processada in natura. Trata-se de uma produção que movimenta mais de oito bilhões de dólares por ano em exportações, os Estados de Santa Catarina e Paraná destacam-se como maiores produtores nacionais, com a presença de frigoríficos e abatedouros de aves e suínos de várias marcas conhecidas. (MARTINS, 2014).

As duas cooperativas locais Coopavel e Globoaves empregavam mais de 500 haitianos até 2013, sendo essa uma importante alternativa para a substituição de mão de obra no processo produtivo em frigoríficos, dada a recusa dos trabalhadores manuais em submeter-se aos trabalhos estafantes disponíveis nesse setor. (MARTINS ET AL., 2014).

Inicialmente esses trabalhadores foram buscados no Acre, posteriormente se estabeleceram em Cascavel. A fixação dos primeiros levou a atração de outros “Não é exagero afirmar que eles fazem parte de um exército mundial de trabalhadores da indústria da alimentação, e que Cascavel se converteu no elo de uma cadeia produtiva global, cujo produto é exportado para mais de 150 países”. (MARTINS ET AL., 2014, p. 08).

Há conforme Martins et al.(2014) a identificação de traços particulares da presença de imigrantes haitianos em Cascavel, distingue das demais formas de mobilidades anteriores. Contrariamente aos estados do norte, quais eram incorporados em sua maioria no setor de serviços, em Cascavel, são incorporados no setor industrial, exercendo funções de baixa qualificação e inseridos de forma dinâmica no mercado global.

Cêa e Morofusi (2010) ao analisarem o processo de organização e reestruturação produtiva no Oeste do Paraná, inferem que os frigoríficos a partir dos anos 1990 aprofundaram a modernização produtiva, visando diminuir os custos de produção, conforme destacam as autoras:

Apesar de existirem diferenças quantitativas e qualitativas entre as oito empresas frigoríficas situadas no oeste do Paraná, é possível afirmar, com base nos estudos já realizados e na pesquisa em andamento, que todas se enquadram num contexto de reestruturação produtiva, na direção da modernização industrial pautada na organização flexível do trabalho. (CÊA, MOROFUSI, 2010, p. 5)

Embora seja esse setor produtivo marcado pela reestruturação produtiva, o mesmo combina a inovação tecnológica com a reprodução de práticas tayloristas/fordistas, sendo esse um dos fatores que associado a intensificação das estratégias de aceleração da produção, e aumento da produtividade que se constituem determinantes para os elevados índices de acidentes de trabalho.

As autoras classificam esse ambiente de trabalho com as seguintes características:

Em linhas gerais, o trabalho realizado no chão da fábrica das empresas frigoríficas investigadas apresenta as seguintes características: repetitividade de movimentos; ritmo de trabalho imposto pela máquina; invariabilidade do trabalho; posturas inadequadas; uso de força física; trabalho muscular estático; pressão mecânica; exposição a temperaturas altas e baixas (dependendo do setor); convivência com odores fortes; barulho excessivo; contato com ambientes úmidos por longos períodos de tempo (mesa de trabalho; chão); manuseio de instrumentos perfuro-cortantes. (CÊA, MOROSUSI, 2010, p. 6).

É nesse contexto que Cascavel se constitui como espaço estratégico para a transnacionalização do capital, localizada na região Oeste do Paraná, desenvolve

conexão global através da inserção do setor produtivo de frigoríficos voltados para a organização produtiva com exportação de carnes processadas para diversos países no mundo.

O Estado do Paraná ocupa o 5º região no ranking formal de trabalho com total de 6.742 postos de trabalho, e Cascavel se destacou como a cidade que mais criou oportunidades de trabalho com total de 1.243 encaminhamentos até maio de 2017. (PARANÁ, 2017).

O setor econômico agroindustrial de Cascavel tem destaque para a avicultura, que representa um símbolo de crescimento e modernização no agronegócio no país, pois ela “[...] reúne em sua estrutura funcional os três elementos mais importantes no cálculo econômico do capitalismo em sua configuração atual: tecnologia de ponta, eficiência na produção e diversificação no consumo” (DONDA JÚNIOR., 2002, p. 58).

O Paraná disputa com os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, o posto de maior produtor brasileiro de carne de frangos. “ O Sudoeste e o Oeste do Paraná e o Oeste de Santa Catarina, formam juntos o maior pólo de produção e abate de aves do mundo” (DONDA JÚNIOR, 2002, p. 61-62). No que concerne ao Paraná, o estado “(...) oferece uma base sólida para a agroindústria. O território paranaense reúne as condições ideais para a realização de todo o processo do agronegócio – desde a produção de matéria-prima até o processamento, que gera produtos finais com alto valor agregado” (PARANÁ AGROINDUSTRIAL, 2002, *apud.* DONDA JÚNIOR, 2002, p. 57).

O complexo agroindustrial se coloca como um dos principais incorporadores de mão de obra de imigrantes haitianos. Cêa e Morofusi (2010) mapearam a importância desse setor na região Oeste do Estado, que compreende 50 municípios, dos quais 12 possuem frigoríficos, como suínos, aves e bovinos.

O oeste do Paraná tem expressiva participação na colocação do estado na economia nacional. Dos 50 municípios da região oeste do Paraná, tomada aqui como referência geográfica, em 12 deles há cooperativas, frigoríficos e abatedouros de suínos, bovinos e aves, totalizando 35 empresas. Entre estas, o destaque é para a indústria processadora de carne de aves, com 8 unidades de processamento que representaram, em 2003, 34,3% do faturamento em todo o Paraná, sendo a região com maior

participação nos resultados econômicos do setor (IPARDES, 2005, p.134; CEA, MORFUSI, 2010, p.04).

Ocorre assim, a distribuição dos haitianos em diferentes regiões do Brasil, localizando-se principalmente na região sul, conforme evidencia reportagem impressa sobre o assunto: “O Haiti é aqui, no Paraná. Dois em cada dez haitianos que desembarcaram no Brasil após o terremoto de 2010 estão em território paranaense. Imigrantes se espalharam pelas regiões Sul, Sudeste e Norte”. (SILVA, 2013, p. 1).

A realidade periférica do capital, embora possa manter níveis estratégicos de crescimento econômico, sempre vai possuir níveis de desemprego, que são maiores ou menores conforme a dinâmica do sistema.

Cotinguiba e Cotinguiba (2016) ao presenciarem triagens de empresas de várias regiões do Brasil que selecionavam trabalhadores haitianos no Acre, enfatizam critérios de seleção habilidades ou domínio de línguas como espanhol e elevados aproveitamentos em testes de matemática.

Para os autores, havia sempre uma contradição entre os critérios de qualificação dos imigrantes ou requisitos exigidos pelas empresas e as funções que esses imigrantes iriam desempenhar, sendo essas vinculadas ao trabalho manual e desqualificado.

Magalhães (2016) ao estudar a imigração haitiana em Balneário Camburiú ressaltou a atratividade dessa mão de obra nos Estados de Santa Catarina e Paraná como os estados de maior atração de trabalhadores no Brasil, associado a isso, esses estados são por sua vez o que menos pagam quando comparados os salários de outras regiões. “Em São Paulo, o salário médio de estrangeiros é de R\$ 2.117,00; no Rio Grande do Sul, R\$ 1.252,00; no Paraná, R\$ 1.246,00; e, em Santa Catarina, R\$ 1.138, 00 ”(Caged/TEM, 2015)”. (MAGALHÃES, 2016, p. 515). A média salarial em Cascavel é de R\$ 1.200,00 de conforme indica o relato de um trabalhador haitiano que desempenha trabalho em frigorífico:

Eu trabalho na Coopavel eu recebo por mês mil oitenta, mil sessenta e seis. Se com esse dinheiro eu posso ajudar minha filha. Eu que trabalho e tenho uma filha no Haiti, eu mando cada mês 500 reais para pagar a escola dela, ai se ela tem problema, e depois o resto do dinheiro eu pago gás, luz, aluguel. E depois cartão alimentação eu pego dinheiro que recebo para comprar denovo, porque tudo é caro.(Ali entrevista realizada em 09 de Maio de 2017).

Os baixos salários que marcam a periferia do sistema, são ainda mais intensificados no Sul do Brasil, geralmente por empresas com produção baseadas em larga produção. A precarização das condições de vida, são ressaltadas frente a necessidade de continuar enviando remessas para o Haiti, já que a imigração haitiana é cultural, provém a vinda de novos imigrantes como a manutenção econômica dos que ficaram. A maioria vive em moradias coletivas e pequenas, como demonstra a imagem abaixo, que representa as moradias em Cascavel, geralmente padronizadas em pequenas quitinetes com dois ou três cômodos habitadas por mais de quatro ou cinco pessoas.



Foto 1- Quitinetes habitadas por haitianos em Cascavel. (Foto: Claudimara C. Bortoloto).

Além dos baixos salários, as empresas contratantes de trabalhadores manuais, principalmente frigoríficos no Oeste do Paraná, convertem o tempo em tempo de trabalho, restrito a ele.

Eu fiz ensino médio, não tenho vontade de estudar aqui, eu sou mestre de obras, no Haiti eu fazia isso, fazia tudo, projeto. Isso é outro problema, eu saio da casa para pegar ônibus cinco da manhã, porque ele passa às seis e trinta. Eu saio trabalha o dia todo e chego a minha casa as sete e quinze. Gasta muito tempo no ônibus e no trabalho, eu não consigo fazer nada, nada mais. O trabalho pegar tudo meu tempo, de seis e trinta manhã até sete e quinze da noite. Eu saio de casa à noite e chego à noite. Eu trabalhava com engenheiro, tem gente que me chama de gênio, porque faço casa que tem muito, que tem dez eitage, 12 eitage. (Ali entrevista realizada em 09 de Maio de 2017).

Menz (2007) ao analisar o trabalho realizado por imigrantes na Europa, ressaltou a característica de ser reservado a eles trabalhos desvalorizados, precários e mal pagos, “El capitalismo global ha remodelado la estructura de clases mediante la flexibilidad, los trabajos precarios y mal pagados, etcétera”. (MENZ, 2007, p.79). Essas atividades

são geralmente reservadas aos imigrantes, que como cidadãos comunitários⁵ não detém o mesmo direito de exercer no país atividades laborais compatíveis com sua formação. A imigração mostra a importância das fronteiras, e os distintos desequilíbrios econômicos e políticos entre as diferentes áreas do planeta, ao passo que recusa a ideia de fim do terceiro mundo e da desigualdade via globalização. O terceiro mundo está relacionado à colonização, e por sua vez a dominação e dependência econômica. A discussão sobre o terceiro mundo recai sempre na resistência ao imperialismo, sendo uma possibilidade política de resistência.

(...) hay cada vez más periferia en el centro y más centro en la periferia. Lo que no significa que no hay ya desigualdades en la distribución de la riqueza social, pero sí que hay relaciones de dependencia que son muy puntuales y que no configuran un primer mundo cerrado y un tercer mundo igualmente cerrado. (MEZZANDRA, 2005, p. 20).

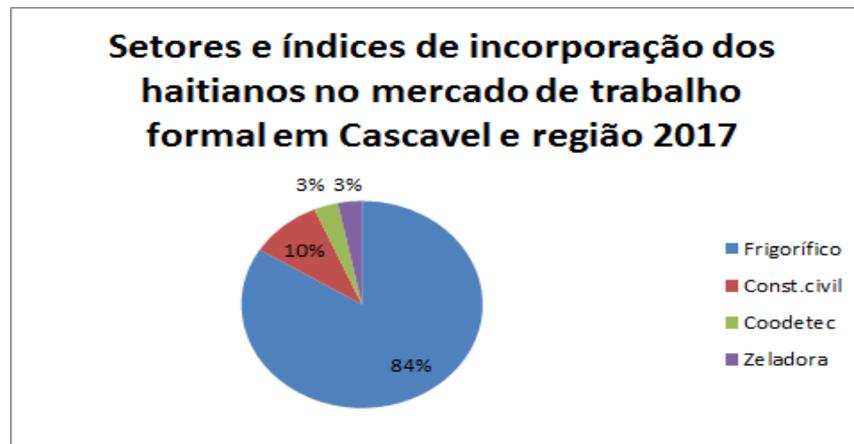
Mezzandra (1995) infere que é necessário desmistificar as teses de unificação do mundo, quais muitas vezes levam a negação da intensificação da desigualdade quando reforça a ideia de um mundo globalizado e sem fronteiras.

A periferia impõem maiores níveis de exploração, com acentuada elevação do exército de reservas e extração de mais valia, o que torna a situação dos imigrantes ainda mais vulneráveis quando comparados aos brasileiros que se encontram nas mesmas situações laborais.

A esse exemplo a amostra dessa pesquisa revela que 84% da população quando trabalha no setor formal encontra-se praticamente restrita aos frigoríficos. Por sua vez, demais setores do sistema produtivo se fecham para esses imigrantes, que são atingidos por elevado grau de desemprego o que torna cada vez menos compensatório o investimento para migrar.

⁵ São considerados cidadãos comunitários todos os imigrantes oriundo de outros países externos à União Europeia. que não fazem parte da União Europeia ou os considerados de fora.

Gráfico 4 – Incorporação de haitianos no setor produtivo em Cascavel – 2017



Fonte: Claudimara Cassoli Bortoloto, pesquisa de campo com entrevistas realizadas entre abril a junho de 2017.

O conjunto das relações de trabalho nesse setor produtivo produzem a rotatividade de trabalhadores, favorecida também pelo exército de reservas que se intensifica sobretudo em períodos de crise econômica.

O desemprego entre os haitianos está relacionado a recusa do setor produtivo em contratá-los, o que torna ainda mais pesada as condições de vida daqueles que trabalham, já que mantêm ou sustentam as cifras de desempregados.

Gráfico 5 – Situação de trabalho entre os haitianos entrevistados Cascavel 2017



Fonte: Claudimara Cassoli Bortoloto, pesquisa de campo com entrevistas realizadas entre abril a junho de 2017.

Os dados quantitativos da pesquisa estão em consonância com os estudos já mostrados por outros pesquisadores, como (ASSIS E MAGALHÃES, 2016, MAMED, 2016; COUTO, 2016; SILVA P. 2016) que discutiram as incursões de empresários do Sul do Brasil e a atração da mão de obra haitiana, especialmente de setores da construção civil, frigoríficos e coleta de lixo, marcados pelo trabalho manual e por baixos salários.

Muitos desses imigrantes avaliam as compensações pelo custo da migração e o salário recebido, que se tornam ainda maiores quando são acometidos pelo desemprego. Em busca de uma vida melhor, muitos deixaram trabalho no Haiti, para vir tentar a vida no Brasil, o que foi reforçado com a ideia do país como sexta economia mundial.

Os haitianos que saem do Haiti que entram no Brasil, quando chega vê que aqui tá muito sofrido, não consegue trabalho e quando consegue o salário é muito pouco. A gente paga quase trezentos dólar no visto, depois quase 1.500 dólar para comprar passagem, chega no Brasil depois foi na federal paga dinovo para dar entrada no documento, não pode, o governo do Brasil não ajuda. Se gasto dinheiro para entrar, tem que entrar dinheiro, se não fica difícil e não pode. Se tem estrangeiro que chega agora vai buscar trabalho e falam que não tem vaga, e depois dá vaga para brasileiro. Eu tenho vontade de voltar para o Haiti, sem trabalho vou fazer o que? Não tenho dinheiro para voltar. (Jean, entrevista realizada em 06 de Maio de 2017).

A nova fase do capital, delineada como financeirização repercute a situação de países e as contradições que eles engendram. O desenvolvimento econômico não significa redistribuição da riqueza, e muito menos ampliação da desigualdade social. Alguns traços desse modelo de desenvolvimento marcam sua consolidação diferindo-se de estágios anteriores, como o baixo crescimento do Produto Interno Bruto dos países, o que contribui para eclodir a crise financeira dos anos 1970, desemprego estrutural, marginalização das regiões em relação ao sistema de troca, intensificação da concorrência internacional com a geração de sérios conflitos comerciais entre as grandes potências mundiais e por fim a nova característica predominante rentista e parasitária, dada a associação entre as indústrias e o sistema financeiro. (ALVES, 1999).

Associado a isso, ocorre no Brasil a transformação da estrutura e funcionamento da sociedade sem alteração das relações raciais, herdadas do regime escravocrata. A conservação dessas relações mantiveram as características mais retrógradas, com inserção dos negros nos mais baixos estratos produtivos, “mantendo o negro e o mulato numa situação social desalentadora, iníqua e desumana”. (FERNANDES, 1978, p. 7). Essa situação fez acarretar dois grandes problemas sociais que é a integração do negro na nova ordem competitiva através do trabalho assalariado, característico das relações capitalistas de produção e o desenvolvimento do preconceito de cor que tem historicamente inviabilizado essa integração. Como desdobramento de uma sociedade historicamente excludente, a exclusão perpassa o setor produtivo, a exemplo do rechaço da incorporação de trabalhadores haitianos no sistema produtivo em Cascavel, restrito quando ocorre aos frigoríficos dado a necessidade do capital, quando muitas vezes não permite seleção frente a diminuição do exército de reservas nacional, mas elas estão também presentes ou são transpostas para as mais simples relações cotidianas.

A Foto abaixo expressa o preconceito presente no interior dessas relações, manifestos com frases xenófobas em vários locais públicos do município de Cascavel.



Foto 2 - Pichação de Ponto de ônibus em Cascavel. (Foto: Claudimara Cassoli Bortoloto, 29 de Dez. de 2016.

Fernandes (1978) ressalta que o comportamento dos brancos em relação ao negro, seja ele tolerante ou intolerante, pode estar condicionado ao grau de práticas dos grupos étnicos e tradicionais de cada região, que se amplia ou diminui conforme sua formação. No entanto, Fernandes (1978) indica o estereótipo, as avaliações e representações sociais dos brancos como uma ponte que liga nosso passado ao conteúdo ou função da estrutura e ao sistema de classes. Assim essas avaliações ou representações desfavoráveis dos negros tem sido reproduzidas historicamente, e encontram-se em vias de atualização.

Os estereótipos, as avaliações e as representações desfavoráveis ao “negro” encontram vias de atualização sócio- cultural graças a complexos de traços culturais, sociais ou psicológicos cuja existência e continuidade independem, na situação histórico-cultural descrita, dar organização da sociedade de classes. (FERNANDES, 1978, p. 341).

Há conforme Fernandes (1978) uma conformação da negação de exigências estruturais e dinâmicas de uma civilização, que levou a uma acomodação racial.

A solução conforme o autor é a equiparação social desses diferentes “estoques” raciais presentes. A esse exemplo seria a ampliação de direitos de imigrantes no Brasil e as condições materiais para sua efetivação, como trabalho digno, e condições mínimas de existência.

Assim, o preconceito gerado pela perturbação entre cor e classe social tem segregado os negros do sistema produtivo, que soma a característica e dimensões do trabalho na periferia, marcado pelos baixos salários típicos de uma economia dependente.

A histórica situação de segregação racial no Brasil dada, sobretudo ao preconceito de cor, tem limitado historicamente a integração do negro brasileiro e seus ancestrais na sociedade de classes, o que coopta a maioria da população negra de reais condições de participação equitativa na sociedade. Ao contrário disso, soa como natural, inclusive para a população negra, a sua posição nos estratos mais baixos e por sua vez no desempenho de atividades de maior desvalorização, como o trabalho manual. O imigrante negro se depara com um país que é periférico, que explora e intensifica a produção de mais-valia da classe trabalhadora através dos baixos salários, associado a um contexto de cooptação histórica da população negra a qualquer forma ou possibilidade de ascensão social.

Sua inserção limita-se a reprodução de valores de comportamento de submissão e conformação a manter-se nos baixos estratos sociais, reproduzindo assim uma classe dominante branca e hegemônica que concentra poder e renda, enquanto afunila a desigualdade social, principalmente entre brancos ricos e negros pobres. Porém, as atuais condições do negro e do imigrante negro não estão acometidas a eterna manutenção das atuais relações desiguais, embora elas tenham sido reproduzidas sem mudanças significativas. Isso evidencia que cabe aos imigrantes haitianos o protagonismo de luta via organização social, não só como imigrantes, mas sobretudo como negros, somando forças junto aos já existentes movimentos étnicos negros no Brasil, que historicamente enfrentam os desafios de ser negro, trabalhador, em uma sociedade que isola e exclui através do preconceito de cor.

Considerações finais

Os estudos migratórios contemporâneos se dão no bojo da nova era migratória por envolver grandes fluxos de mobilidade e a maior parte dos países. O fechamento das fronteiras, sobretudo dos países tradicionais de imigração delinearão novas rotas migratórias, e fizeram do Brasil um novo destino para os imigrantes haitianos. Dentre todas as pechas que sofrem esses imigrantes no Brasil, se deparam com um preconceito de cor arraigado em uma cultura que nega a raça negra e sua ascensão como classe. Embora o próprio sistema capitalista e periférico impeça ascensão de pobres brancos ou pobres negros, viabilizado apenas no discurso liberal meritocrático, se torna ainda mais aguda e irrealizável entre os imigrantes negros, implicando sobretudo a ocupação de postos de trabalho manuais e desvalorizados.

Essa pesquisa demonstrou o rechaço de imigrantes negros no sistema produtivo de Cascavel região oeste do Paraná, evidenciou a relação intrínseca das primeiras migrações com o setor de frigoríficos, colocado como uma possibilidade de trabalho, quando imigrantes recém-chegados se encontravam em situações de precarização, insegurança e incertezas. Ao mesmo tempo em que o sistema laboral de frigoríficos incorporou os primeiros imigrantes, dá continuidade a um sistema produtivo caracterizado pela rotatividade de trabalhadores, dado a disponibilidade do exército de reservas, garantido tanto em períodos de recessão ou pujança econômica. Os dados sobre imigração e sua restrita vinculação com o sistema produtivo de frigoríficos revela o fechamento dos demais setores produtivos para os haitianos, bem como a inserção de novos trabalhadores, que se submetem a ele como única alternativa de inserção laboral. O elevado desemprego, baixos salários e rotatividade de trabalhadores produz maior precarização das condições de vida dos haitianos em Cascavel, que para manter o envio de remessas para o Haiti, baixam o nível das condições de vida, com degradação das condições materiais de sobrevivência já vivenciadas por populações pobres e negras nesse país.

Dados dessa segregação e exclusão são fundamentais para o movimento haitiano no Brasil, sobretudo na região Oeste do Paraná e potencializar a luta por políticas de integração social, que tem a organização coletiva uma condição. As taxas migratórias continuam estáveis desde 2015, assim como o setor de frigoríficos se mantém quase exclusivamente como único empregador. Por fim, destaca-se a importância do imigrante que é funcional como disponibilidade de mão de obra, ou exército de reservas requerido pelo capital, que pode rechaçá-lo em período de crises e integrá-lo em período de pujança econômica, frente a negação de trabalhadores brasileiros, rechaçam e recusam trabalhos enfadantes, monótonos e repetitivos a lá fordista taylorista praticados nesses frigoríficos.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Giovanni. **Trabalho e mundialização do Capital**. Praxis,1999.
- ALESSI. Mariana L. Batista. **A imigração de Haitianos para o Brasil**. Revista Conjuntura Global, Curitiba, Volume 2, n. 2, 2013, p. 82-86.
- ARANGO. Joaquín. Dificuldades e dilemas de las políticas de inmigración. In. **Arbor Ciencia Pensamiento y Cultura** clxxxix 713 mayo-junio, 2005 17-25

- ARANGO ET AL. **Inmigrantes el continente móvil.** Vanguardia Dossier, n.22, Enero/Marzo 2007.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira, MAGALHÃES Luiz Felipe A. Migrantes indesejados? A “diáspora” haitiana no Brasil e os desafios à política migratória brasileira. In. SILVA, Sidney A. ASSIS, Gláucia O. **Em Busca do Eldorado: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais.** Manaus:EDUA, 2016.
- BAENINGER, Rosana, et al. (Orgs) **Imigração Haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- BAENINGER , Rosana. Migração Transnacional: elementos teóricos para o debate. In. BAENINGER, Rosana et al. (Orgs) **Imigração Haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- CACHÓN. Lorenzo. Diez notas sobre a imigração na Espanha. In. **Vanguardia Dossier**, n.22, Enero/Marzo 2007.
- CASTLES, Stephen, Mark J. Miller.**La era de la migración: Movimientos internacionales de población em el mundo moderno.** Universidad Autonoma de Zacatecas,Mexico:2004.
- CÊA. Georgia S. S. NEIDE, Tiemi M. Processo de trabalho em frigoríficos e as possibilidades de constituição de novas sociabilidades na luta coletiva pela saúde do trabalhador. In. **VII Seminário do Trabalho - RET**, 2010. Disponível em: http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Georgia_Cea_Neide_Murofuse_PROCESSO_DE_TRABALHO_EM_FRIGORIFICOS_E_AS_POSSIBILIDADES_DE_CONSTITUICAO_DE_NOVAS_SOCIABILIDADES.pdf Acesso em: 08 de jun. de 2017.
- COTINGUIBA, Marília L. P. COTINGUIBA, Geraldo C. Fronteiras e aspectos do rito de mudança de categoria jurídico política dos sujeitos haitianos em mobilidade transnacional no Brasil. In. BAENINGER, Rosana,PERES et al . **Imigração Haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- COUTO. Kátia. Do Caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre duas regiões. In. SILVA, Sidney A. ASSIS, Gláucia O. **Em Busca do Eldorado: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais.** Manaus:EDUA, 2016.
- FARIA, Andressa V. Os haitianos e o refúgio ambiental. In. BAENINGER, Rosana,PERES et al . **Imigração Haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FERNANDES, Florestan **A integração do negro na sociedade de classes**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1978.

FARIA, Andressa V. Os haitianos e o refúgio ambiental. In. BAENINGER, Rosana, PERES et al. **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FERNANDES, Florestan **A integração do negro na sociedade de classes**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1978.

MARTINS, José R. V. et al (orgs). **A diáspora haitiana da utopia à realidade : perfil dos haitianos em Cascavel Paraná**. Gráfica Grapel, Foz do Iguaçu, 2014.

OLIVEIRA, Maria M. SILVA, Elias O. A migração haitiana na Amazônia à luz dos estudos de gêneros. In. SILVA, Sidney A. ASSIS, Glaucia O. **Em Busca do Eldorado: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais**. Manaus:EDUA, 2016.

PARANÁ. **Secretaria de Justiça, Trabalho e Direitos Humanos – SEJU - Observatório do Trabalho**: Curitiba, 2017.

MEZZANDRA. Sandro. **Derecho de fuga: migraciones, ciudadanía y globalización**. Editora Mapas traficantes de sueño. Madrid, 2005.

MUENZ, Rainer. Europa: entre a necessidade de empregar mão de obra estrangeira e a renúncia de alguns países da região em admiti-los. In. ARANGO ET AL. **Inmigrantes el continente móvil**. In. Vanguardia Dossier, n.22, Enero/Marzo 2007.

1. SILVA, Sidney A. ASSIS, Glaucia O. **Em Busca do Eldorado: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais**. Manaus:EDUA, 2016.

2. VILLEN, Patricia. Periféricos na Periferia. In. BAENINGER, Rosana, PERES et al. **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. ZENI, Kaline, FILIPPIM.

Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. PRETEXTO, v. 15 n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1534>> Acesso em 14 de Mar. de 2017.

ZENI, Kaline, FILIPPIM. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. PRETEXTO, v. 15 n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1534>> Acesso em 14 de Mar. de 2017.

Recebido em 20/10/2018. Aceito em 20/11/2018.

Sobre autora e contato:

Claudimara Cassoli Bortoloto - Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista-UNESP/São Paulo. Professora da Universidade Federal de Tecnologia do Paraná/Campus Medianeira.

E-mail: claudibortolo@yahoo.com.br